



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS EM UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO MUNICÍPIO DE ITAPETINGA/BA

Viviane da Silva Araújo Vitor
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: viviaraujo_gbi@hotmail.com

José Valdir Jesus de Santana
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: santanavaldao@yahoo.com.br

Flávia Lopes Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: flaviaals@gmail.com

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve como objetivos analisar como as crianças agem, acionam e vivenciam noções como racismo, discriminação racial em suas relações com outras crianças e adultos e identificar como se expressam o racismo e as práticas racistas no dia-dia das rotinas escolares em uma escola pública do Município de Itapetinga/BA, em uma turma de educação infantil. Utilizamos de autores que discutem sobre as relações étnicorraciais entre crianças pequenas no contexto da educação, a exemplo de Cavalleiro (2001, 2014), Fazzi (2006), Abramowicz, Oliveira e Rodrigues (2010), Abramowicz e Oliveira (2012) e outros.

Pesquisas mais recentes, a exemplo de Santiago (2014), Abramowicz e Oliveira (2010), inspiradas pela sociologia da infância, trazem novas questões para o debate acerca das relações raciais, criança e infância. A sociologia da infância e a antropologia da criança advogam que crianças e infâncias são produzidas socialmente e que não são dados universais nem naturais. Nisso, crianças possuem agência, são portadoras e construtoras de cultura e, nesse sentido, têm muito a nos dizer sobre diversos aspectos da vida social, inclusive sobre as relações raciais vivenciadas no contexto escolar.

As discussões apresentadas fazem parte de uma pesquisa maior que desenvolvemos em escolas públicas do município de Itapetinga, entre 2015 e 2018, intitulada “Do ponto de vista das crianças: educação e relações étnico-raciais em escolas públicas do município de Itapetinga/BA”, em que contamos com o apoio da Fundação de

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPQ.

METODOLOGIA

Essa pesquisa situa-se nas abordagens de natureza qualitativa que, conforme “Bogdan e Biklen (1982), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE e ANDRÉ, 2013, p. 14). Para a sua realização utilizamos da *observação* e de *intervenções pedagógicas* e do *diário de campo*.

A primeira etapa da pesquisa de campo, que corresponde às observações, foi realizada no mês de abril de 2016. No mês de junho deste mesmo ano foram realizadas as intervenções pedagógicas junto às crianças. Participaram da pesquisa 16 crianças de uma turma de Educação Infantil, de uma escola localizada na periferia da cidade de Itapetinga/BA. Realizamos três intervenções, assim denominadas: “*O Espelho*”, “*Como vejo meu coleguinha*” e “*Como me vejo? Representações com figuras*”. Por questões de limite que se colocam a esse texto, caracterizaremos, apenas, duas das intervenções realizadas. Na intervenção “*O Espelho*”, o objetivo foi o diagnóstico inicial da autoclassificação de cada criança, ou seja, como elas se viam perante o seu reflexo projetado pelo espelho. Fomos para uma sala reservada da escola e pedimos que a professora mandasse uma criança de cada vez para participar da intervenção. Foi pedido que a criança se sentasse em uma cadeira que estava em frente ao espelho e olhasse bem para cada detalhe físico dela mesma e fizemos algumas perguntas: O que você acha de você? Como é seu cabelo? Você gosta dele? Qual a cor da sua pele? Se fosse para mudar alguma coisa em você o que você mudaria? Na intervenção “*Como vejo meu coleguinha*”, o objetivo desta intervenção foi identificar a percepção de cada criança para com seus colegas e como cada uma via uns aos outros fisicamente e afetivamente. Fomos para uma sala reservada da escola e pedimos que a professora mandasse uma criança de cada vez para participar da intervenção. Foi mostrada uma foto revelada que continha todas as crianças da sala. Em seguida foi feita algumas perguntas sobre os colegas para cada



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

criança. Qual coleguinha é mais legal? Qual é mais bonito? O mais feio? O mais chato? A cor de pele mais bonita? A cor de pele mais feia? O mais inteligente?

Na próxima sessão, apresentaremos o resultado e análise de uma das intervenções realizadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na intervenção “*Como vejo meu coleguinha*”, participaram dessa intervenção 16 crianças. O resultado dessa intervenção reafirma as atitudes que observamos na sala de aula e as respostas que obtivemos nas outras intervenções: A coleguinha considerada mais bonita era branca, do cabelo liso cacheado; a mais legal foi uma garotinha branca do cabelo cacheado; o coleguinha mais feio foi um garotinho negro do cabelo crespo; a mais chata foi uma garotinha negra do cabelo crespo; O mais inteligente foi garotinho branco do cabelo liso; a cabelo mais bonito foi de uma garotinha branca do cabelo liso; a cor de pele mais bonita foi a de uma garotinha branca do cabelo cacheado; a cor de pele mais feia foi de um garotinho negro do cabelo crespo.

De um modo geral, os resultados desta pesquisa mostraram o quanto o preconceito racial está estruturado no espaço da educação infantil e as diversas formas como as crianças os reproduzem. Fazzi (2006, p. 39) salienta que as pessoas que são rotuladas de feias por motivos racial, por exemplo, muitas vezes assumem essa descrição de si mesmas, assim como a pessoa rotulada de desviante, que se torna aquilo que é descrito pelo rótulo. Ademais, segundo Fazzi (2006, p. 14), referindo-se aos dados de sua pesquisa, realizada em Minas Gerais, com crianças de uma escola considerada de classe média e outra escola que atende às comadas populares, a observação do comportamento das crianças revela que a prática cotidiana do preconceito racial se explicita basicamente através de gozações e xingamentos que ocorrem com grandes frequências em brigas e nas quais se utilizam os estereótipos relativos a aparência. Em nossa pesquisa, também detectamos esta mesma situação. As crianças negras são as mais agredidas, consideradas feias e estão expostas a muitas situações de discriminação, tanto por parte dos colegas como dos adultos.

Da mesma forma, segundo Cavalleiro (2014), se por um lado há um discurso que afirma a inexistência do preconceito na escola, por outro há um indicativo de que os

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



pequenos alunos na fase da pré-escola percebem as diferenças étnicas. As observações e as falas das crianças revelaram que as crianças negras, quase sempre, sentem o desejo de se aproximarem do padrão da branquitude, posto que, como já nos disse Bento (2009), os brancos carregam o “privilégio simbólico da brancura”. Em nossa pesquisa, duas estratégias são encontradas pelas crianças: o desejo em querer mudar algo em seu corpo, para se aproximar da referência estética branca, a exemplo do cabelo, da cor da pele; ou o caso da criança negra que se vê como branca. Neste caso, como já discuti Fanon (2008, p. 27), no livro *Pele Negra, Máscaras Brancas*, o “branco está fechado na sua brancura; o negro na sua negrura”. Ademais, para Fanon (2008), em uma sociedade cuja referência é a branquitude, ao negro cabe perseguir essa referência e, nisso, tem suas estruturas psíquicas afetadas, na medida em que “o negro quer ser branco. O branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p. 27). Ou seja, essa criança entende que ser branca é ter privilégios, e para desfrutar desse privilégio é mais fácil negar sua cor e aproveitar-se dessa branquitude que, em sua visão, não lhe acarretará nenhum dano. Em consequência, o modelo de beleza branca pode estar se tornando desejável. As crianças não brancas passam a admirar e desejar para si esta estética (CAVALLEIRO, 2014). O corpo negro e o cabelo crespo são negados pelas crianças, tanto pelas brancas quanto pelas negras.

As crianças brancas de nossa pesquisa têm autoestima elevada, sentem-se confortáveis com seus próprios corpos e com os seus iguais (nesse caso, os colegas de mesmo pertencimento racial, na medida em que o “espaço escolar reproduz o modelo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação e na vida social” (CAVALLEIRO, 2001, p. 145). As crianças negras apresentam desconforto em relação a seu próprio corpo e, conseqüentemente, muitos têm o desejo de alterá-lo.

CONCLUSÃO

Ficou visível que crianças negras sofrem o preconceito racial provocado pelos seus colegas; vimos, também, que as crianças percebem as formas de tratamento diferenciado que recebem, inclusive por parte da professora, na não entrega da tarefa para ser realizada, no cuidado com a criança branca, na demonstração de afeto. As crianças negras são, quase sempre, consideradas as mais danadas, inquietas. Enquanto



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

que as crianças negras expressam desejo de mudança em relação às suas características fenotípicas (especialmente em relação à cor da pele e ao cabelo crespo), diante das atitudes de xingamento, desvalorização de seu pertencimento étnico-racial, as crianças brancas se sentem confortáveis com suas características fenotípicas, com seu pertencimento racial.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças; Educação Infantil; Relações Étnico-raciais.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. de; RODRIGUES, Tatiane. C. A criança negra, uma criança negra. In: ABRAMOWICZ, A; GOMES, N. L. (Orgs.). **Educação e raça: perspectivas políticas, pedagógicas e estéticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana. As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes. In: BENTO, Maria Aparecida (Org.) **Educação infantil igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos**, São Paulo, CEERTE 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. Branquitude e branqueamento. In: BENTO, Maria Aparecida Silva; CARONE, Iray (Orgs.) **Psicologia Social do Racismo - Estudos Sobre Branquitude e Branqueamento no Brasil**. São Paulo: Vozes, 2009

CAVALLEIRO, Eliane dos S. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito discriminação na educação infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.) **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceitos**. Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E, D, A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2 ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2013.

SANTIAGO, Flávio. "O meu cabelo é assim... igualzinho o da bruxa, todo armado." **Hierarquização e racialização das crianças pequeninhas negras na educação infantil**, 2014, 147f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.